



Bancos de si:

Aftetos, tédio e dor nos dispositivos de auto-documentação na rede¹

Francisco Slade²

Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O que exatamente oferecem um blog e um fotolog aos seus usuários? A possibilidade de tais dispositivos de exposição e narração traz muitas promessas; mesmo de uma existência ou de uma permanência quase imediatas num outro meio. Mas quais as implicações desse mecanismo e que forças agem em seu funcionamento num momento em que a relação do homem com memória e informação é, mais que nunca, mediada pela técnica? O que leva o homem desenvolver e o que são e como funcionam esses dispositivos de identidade e presença? São novas possibilidades que chegam, mas, também, novas lacunas. É o papel desses dispositivos, bem como seus desdobramentos, que esse estudo pretende investigar.

Palavras-chave

Internet; auto-documentação; narrativas; blog; fotolog.

Corpo do trabalho

1. Introdução

O que exatamente oferecem um blog e um fotolog aos seus usuários? A possibilidade de tais *dispositivos de exposição e narração* traz muitas promessas; não só de um *espaço* para a exposição de textos e fotos mas de *público* – que age como receptor e legitimador da exposição –, e, assim, de uma *existência ou de uma permanência quase imediatas num outro meio*. Tratam-se de mecanismos de exposição pessoal *interessada* mediados pela *telepresença*.

“A telepresença combina o conteúdo de três áreas arquetípicas do pensamento: a automação, a ilusão virtual e a visão não-física do eu. Estas noções colidem no conceito de telepresença, que permite ao usuário estar presente em três lugares diferentes ao mesmo tempo: a) na locação espaço-temporal determinada pelo corpo do usuário, b) através da *telepercepção*, no espaço de imagem virtual simulada (o ponto ao qual levaram até agora as tentativas da história da arte em obter a Realidade Virtual), e c) através da *teleação*, no lugar onde, por exemplo, um robô está situado dirigido pelos movimentos de uma pessoa e fornecendo orientação através de seus sensores. [...] A natureza tripla da telepresença suscita questões fundamentais na telepistemologia, ou

¹ Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres do Congresso de 2005 da Intercom.

² Mestrando em Comunicação, Linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas, ECO-UFRJ.



seja, a nossa compreensão da maneira como a distância afeta nossa capacidade de *conhecimento e descoberta*.”³

Através desse simulacro de presença, há também a promessa da abstração do conceito de distância por meio de um processo de “*transubstanciação*” – e, talvez aí, também de isolamento – da essência do humano em um código capaz de alterar o princípio de mobilidade. Esse código não é outro senão o binário, a matéria do ciberespaço. Presença sem distância; é a promessa, então, de uma *presença total* e, por conseguinte, da existência ampliada que esta indica; como se a essência, quando traduzida, fosse automaticamente expandida. “É bastante interessante que essa utopia de uma telepresença ubíqua se aproxime espantosamente da contemplação de um Deus-que-tudo-vê.”⁴ Conforme observa Oliver Grau, teórico alemão pesquisador da arte imersiva, “em busca da substância do homem, esperamos perceber a essência da vida em projeções de tecnologias utópicas. O anseio continua nos dias de hoje. Almejamos a *onipresença* – um estado de transcendência, uma variação da gnose⁵.”⁶

Há a busca não apenas dessa potencialização, mas também de outro poder, um que é primeiro e tão fundamental quanto “sutil”, o da simples *ratificação* da existência. E, num tempo em que o homem passa por uma crise de memória e de saturação de informação sem precedentes, o anseio por tal segurança não é uma ambição pequena.

Nesse momento da história, em que tanto memória quanto informação são transpostas para suportes tecnológicos, sendo armazenadas, resgatadas e consumidas primordialmente por eles; em que a própria relação do homem com memória e informação é mediada pela técnica; nesse momento, nada é mais lógico do que o homem buscar desenvolver dispositivos de *identidade e presença*. Ele almeja atender ao seu desejo inerente e constante de segurança e de extirpação da dor.

Contudo, em movimento análogo e paralelo, a utilização desses dispositivos traz uma invisibilidade paradoxal e, com ela, mais incerteza. Em vez de ser a realização de uma existência nova, maior e certa, tal ação se transforma na busca desesperada – e, de novo, dolorosa – por qualquer prova da existência frágil, abalada, que impõe ao homem,

³ GRAU, Oliver. *A história da telepresença: autômatos, ilusão e rejeição do corpo*, in *Corpos Virtuais: Arte e Tecnologia*. Centro Cultural Telemar, 2005 [grifos meus].

⁴ Idem.

⁵ Palavra vinda do termo grego para conhecimento (γνῶσις), gnose tem, hoje, diversos empregos. Usualmente [como aqui] designa uma “iluminação”, um estado alterado de consciência no qual a vontade é “magicamente” efetiva.

⁶ GRAU, Oliver. *A história da telepresença: autômatos, ilusão e rejeição do corpo*, in *Corpos Virtuais: Arte e Tecnologia*. Centro Cultural Telemar, 2005 [grifos meus].



notadamente ao homem anônimo, a contemporaneidade. São novas possibilidades que chegam, mas também novas lacunas.

Como toda existência humana, a existência no ciberespaço necessita de narrativas. Por meio de texto e imagem, mesmo que em proporções diferentes em cada caso, blogs e fotologs são alguns dos dispositivos que oferecem essa possibilidade aos seus usuários.

É o papel desses dispositivos, bem como seus desdobramentos, que esse estudo pretende investigar.

2. Dispositivos de tele-expansão, *mimesis* e simulacros

Foram observados por volta de quinhentos blogs e outros tantos flogs dos mais diversos tipos. Embora não seja pertinente escrutinar, aqui, a metodologia de pesquisa – dado ser esse um artigo curto –, me parece importante fazer algumas ligeiras observações sobre os suportes estudados.

A semelhança entre os *modi operandi* dos dois dispositivos observados é enorme e os torna quase congêneres; normalmente os usuários mantêm blogs e fotologs ao mesmo tempo; a forma e os expedientes do texto são usualmente os mesmos nos dois suportes e é óbvia a relação entre as imagens postadas⁷ nos flogs e os textos em cápsulas postados nos blogs: ambos funcionam como resumos sintéticos dos dias ou de momentos “vividoss” por seus autores e têm lugares quase sempre similares e contíguos na dinâmica que se pretende observar aqui.

Há outros dispositivos de tele-expansão extremamente importantes, e mesmo de ação paralela e relacionada às dos investigados aqui – como as redes de relacionamento, os *instant messengers* e o recém-surgido *videoblog*; contudo, o escopo desse estudo focaliza a auto-documentação e a auto-narrativa na dinâmica específica de weblogs e fotologs.

Ao mesmo tempo em que a rede pode ser um instrumento valioso para a liberdade de veiculação de escritos, imagens e a expressão de qualquer tipo, artística ou não, é preciso ter em mente que a *publicação*⁸, a difusão e o público via rede são, em muitos aspectos – assim como toda a experiência derivada da *relação* com esses

⁷ *Postar*, na acepção usual na rede, é o ato de fazer *upload* de um texto ou imagem, traduzi-los para o código digital e publicá-los com certa periodicidade em uma página pessoal na rede. *Post*, diz-se de qualquer informação publicada em uma cápsula nesses dispositivos, seja texto, imagem, vídeo, som, hipertexto ou combinação destes. É uma *unidade* de informação.

⁸ Entendida aqui como o ato de tornar certa informação disponível na rede, mudar seu status para on-line.



conceitos –, *simulacros* e “*sintetizações*” de experiências artísticas e/ou pessoais reais que não podem e não devem ser inteiramente mimetizadas. Isso porque, se a realidade é sempre um produto da percepção, é preciso entender que distância e proximidade tendem a “coincidir através de um complexo técnico em tempo real e criar o paradoxo de *estou onde não estou e experimento certezas sensoriais que vão contra meu julgamento lógico*”⁹, estabelecendo, assim, novas percepções e novas noções de realidade. E pode ser interessante que o conceito de realidade seja ampliado, mas, dificilmente, que ele seja restringido ou mimetizado e reduzido a uma forma sintética. O quadro atual sugere que

“a crescente integração das tecnologias num dispositivo cada vez mais imaterial [...] tende a determinar a constituição da experiência na sua totalidade. A técnica como gesto total que substitui a ‘revolução’ como gesto último. [...] O problema da mimetologia tecnológica é que impõe uma figura única, aparentemente neutra, que é a da ‘interatividade’. A sua aparente neutralidade deve-se a que é uma categoria ‘técnica’ (é uma metaforização do *feedback*).”¹⁰

Esse aspecto aparentemente neutro da interatividade – presente em todos os dispositivos da rede – pode camuflar certos mecanismos próprios à *ciber-auto-documentação* e à exposição desta; mecanismos de *formatação* e de outras ações subliminares do poder, que, com isso, passa a alcançar o indivíduo, intimamente e sem filtros, em mais outra instância da formação de sua subjetividade e de sua capacidade de leitura do mundo ao seu redor.

Para aprofundar a questão do funcionamento ideológico desses dispositivos, recorro ainda a José Bragança de Miranda, quando ele defende que

“Tudo indica que as artes interativas, que recorrem intensivamente às novas tecnologias digitais, vêm na continuação da vanguarda, não pelos aspectos disruptivos desta, mas pela tendência a visar esteticamente o mundo, a *produzi-lo tecnicamente*. A negatividade desaparece numa positividade feliz, que o ‘pós-modernismo’ expressa no *convencimento de que chegaram ao fim as divisões ‘irreconciliáveis’ da modernidade, entre sujeito e objeto, entre arte e vida, entre atividade e passividade, entre presente e ausente*, e todas as outras instauradas pela metafísica e a sua peculiar hierarquização do mundo.”¹¹

Aliada ao conceito de interatividade técnica e à sensação de poder sobre os dispositivos que esse conceito dá aos usuários, a *dissolução* dos binômios citados, quando conduzida não só *em concomitância a*, mas *por* mudanças no papel da técnica

⁹ GRAU, Oliver. *A história da telepresença: autômatos, ilusão e rejeição do corpo*, in *Corpos Virtuais: Arte e Tecnologia*. Centro Cultural Telemar, 2005 [grifos meus].

¹⁰ Idem.

¹¹ MIRANDA, José Bragança de. *Da interactividade. Crítica da nova mimesis tecnológica*, in GIANETTI, Claudia – *Ars Telemática*. Relógio d’Água, 1998 [grifos meus].



no mundo contemporâneo, pode gerar uma idéia nem sempre real de liberdade de ação. Essa noção, de certa maneira alimentada pelos distúrbios na percepção de um indivíduo que cria, num novo ambiente conceitual, *próteses de identidade e presença* (volto à questão das próteses mais adiante), é particularmente nociva quando participa no ato de organização e narrativa de uma existência que luta por se confirmar.

“Os dispositivos de criação de co-presença e co-realidade, [...] abrem um campo vastíssimo para estéticas e dramaturgias on-line, ou melhor, cenas e situações virtuais, ambientes de co-presença que provocam distúrbios perceptivos. [...] Obras cuja estrutura narrativa é baseada na (ou se assemelha à) percepção de um olho vigilante, um olho sem olhar, olho mecânico, aberto num continuum espaço-temporal. E que, ao mesmo tempo, fazem um esforço para introduzir aí nesse olho-esvaziado uma singularidade. Fabulação, ficcionalização, auto-performance são algumas das figuras dessas propostas.”¹²

Penso que, como defende Jünger, a técnica, em si, é amoral. Contudo, ela permeia mais e mais camadas da vida e, se, por si só, esse movimento não é “interessado”, ele serve de veículo para o poder ao possibilitar o transporte da influência deste por sua rede venosa e inoculá-la – por meio da figura potencial desse “olho mecânico” que media, observa e formata simulacros de experiência reais fundamentais – em pontos cada vez mais profundos do ser humano.

Um dos âmbitos em que a *mimesis* tecnológica atua mais claramente, separando a experiência real de seu simulacro – não em relação ao fim (é, afinal, mimetização), mas ao processo –, é aquele do *tempo de espera* para publicação das narrativas (existência e visibilidade) e para *feedback* (ratificação). A passagem do diário íntimo ou do álbum de fotos para o ciberespaço permite registrar e divulgar com maior rapidez o presente, os pensamentos e as imagens de um indivíduo; mas permite, também, mudá-los com a mesma rapidez. Além disso, essa velocidade, essa supressão da espera para a realização, funciona como recondutora ativa de uma característica fundamental da subjetividade contemporânea: o tédio.

Vivemos

“Numa época onde até mesmo a ‘demora da satisfação’ perde seu significado [...], uma vez que toda demora pode ser nivelada no instante presente. [...] Sob o imperativo cultural das sensações, qualquer espera é significada como uma experiência desprazerosa e incômoda. Todo intervalo é vivido como vazio e, mais especificamente, como tédio. [...] Dessa forma, *suprimido o desejo de espera, o tédio da insatisfação permanente encontra solo fértil para [sua] instalação. [...] O tédio expressa um vazio não mais trágico ou desesperado, mas inquieto e ansioso.*”¹³

¹² BENTES, Ivana. *Mídia-arte: estéticas da comunicação e seus modelos teóricos*, in *Corpos Virtuais: Arte e Tecnologia*. Centro Cultural Telemar, 2005.

¹³ SALEM, Pedro. *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. Relume Dumará, 2004 [grifos meus].

É partindo desses pressupostos que passo ao próximo ponto do trabalho.

3. Narcisismo e tédio: sem patético nem abismo

Pedro Salem, em seu “Do luxo ao fardo”, apresenta um estudo sobre o surgimento do tédio no século XVIII e sua evolução até hoje. Partindo de algumas das conclusões apontadas ali, não só sobre seu desenvolvimento mas sobre o tédio contemporâneo, tentarei ligar esse conceito à prática da auto-narração nos blogs e flogs.

O autor defende que “ao desatrelar o indivíduo das convenções sociais e das regulamentações fixas, a pós-modernidade instala uma nova concepção de individualismo” e que tal

“ruptura com o período anterior encontra eco na diferença entre os valores de produção e revolução, típicos da modernidade, que se opõem ao domínio da informação e da expressão, indissociáveis da época contemporânea. [...] Nesse contexto, o imperativo cultural contemporâneo impulsiona o indivíduo em direção ao auto-escrutínio, à busca de sua própria verdade e da sua satisfação individual.”¹⁴

Todavia, tais singularidades não o levariam mais à “infelicidade metafísica”, nem mesmo ao pessimismo, mas à apatia e à indiferença, pois, no momento pós-moderno,

“todos os gostos, todos os comportamentos podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido conforme o gosto, tanto o mais operatório como o mais esotérico; *tanto o novo como o antigo*, a vida simples, a ecológica e a vida hipersofisticada, num tempo desvitalizado, sem *coordenadas principais*.”¹⁵

Ainda assim, “a apatia não sugere uma ausência de socialização, antes corresponde a uma nova socialização”¹⁶ flexível e regulamentada pela economia e, por isso mesmo, sujeita ao “domínio da informação e da expressão”, estando tal domínio, por sua vez, cada vez mais condicionado à ação da tecnologia. Nessas condições,

“o processo de personalização induz à diluição das identidades fixas, monta diversas combinações inesperadas, gera o desinvestimento em papéis instituídos e converte o ambiente contemporâneo em uma vitrine de singularidades complexas e aleatórias [...], um contexto propício para que a indiferença exceda o âmbito público e invada o privado”.¹⁷

¹⁴ SALEM, Pedro. *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. Relume Dumará, 2004 [grifos meus].

¹⁵ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Relógio d’Água, 1983 [grifos meus].

¹⁶ SALEM, Pedro. *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. Relume Dumará, 2004.

¹⁷ Idem.



É assim que o tédio é um dado intrínseco às regras da vida hoje. Seria o que Lasch chama de “experiência subjetiva do vazio”, pela qual passa um indivíduo narcisista e “cronicamente entediado, incansável na procura de *instantânea intimidade* – de excitação emocional sem envolvimento e sem dependência”¹⁸, reproduzindo traços e respondendo a demandas funcionais de sua cultura.

O caráter narcisista do homem pós-moderno – espécie de revés degenerativo dos resquícios românticos na modernidade – seria, ainda segundo Lasch, um reflexo de sua desilusão com o poder ou a validade de seus atos – sobretudo políticos –, que teria levado, principalmente a partir da década de 1960, a que os interesses se voltassem para a esfera pessoal. Isso também teria tido como consequência, àquela altura, uma crise cultural de desvalorização do passado – que, aqui, tomo como um passado primordialmente pessoal e imediato em valores históricos –, numa “incapacidade narcisista de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte do fluxo da história”.¹⁹

Curiosamente, esse mesmo homem deu outra volta em sua relação com seu passado; vivemos, há mais de duas décadas, uma era de consumo desenfreado do passado – consumo esse que também se configura pela equação informação/tecnologia e que se dá, principalmente, por meio audiovisual – com isso, também pela rede. Talvez, depois de tentar se livrar de seu passado, o homem, carente de referências estáveis, tenha sentido necessidade de revisitar – *musealizar*, documentar, arquivar, mas também consumir, reinterpretar, *ficcionalizar* – outros momentos de sua história, de dar-lhes outros enfoques e, com isso, como em todo processo de rememoração, o tenha começado a recriar, como levanta Andreas Huyssen.

Outro fato de suma importância é o de que vivemos numa época de primazia da tecnologia e sua influência na atualidade perpassa todas as demais relações humanas. Tal questão, além de moldar os *investimentos* e as *percepções* sociais e pessoais, tem, dado o ponto onde está a tecnologia, um papel muito maior do que “apenas” sua presença objetiva nas relações e no cotidiano humanos; há a questão de sua presença nas *expectativas* do homem hoje.

Nada mais é impossível; pelo contrário: o impossível passa a ser, simplesmente, aquilo que ainda não está presente, que ainda não é possível *agora*. A técnica faz com

¹⁸ LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa época de esperanças em declínio*. Imago, 1983

¹⁹ SALEM, Pedro. *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. Relume Dumará, 2004



que, por meio dela, o que separa o homem de seus projetos mais ousados seja apenas o tempo. E, uma vez que a tecnologia não é uma *linguagem*, mas um *código*, ela estabelece uma ponte entre os planos do *real* e do *imaginário* sem a passagem pelo plano simbólico.

Há ainda a questão da lógica econômica atuando sobre a subjetividade. Voltando a Salem, adoto o ponto segundo o qual a cultura de consumo, em sua ação solvente, tornaria maleáveis todos os princípios, instituições, papéis sociais e até laços de procedência; tal ação faria com que os sujeitos perdessem referências fundamentais – ao menos, hoje, *ainda* fundamentais – para a construção de suas identidades. “O consumismo desata os laços sociais dos indivíduos ao estimular a maximização da esfera privada”²⁰, ao mesmo tempo em que

“permitindo a todos que possuem os mesmos recursos o acesso aos mesmo objetos, engendra a uniformização de comportamentos. Paralelamente, e em sentido contrário, instiga a acentuação das singularidades. [...] Transformando o eu em objeto privilegiado de atenção e investigação, os indivíduos tendem a potencializar a interrogação sobre si mesmos e, simultaneamente, a incerteza a seu próprio respeito. Paradoxalmente [...], é justamente esse hiperinvestimento que [...] corrói o eu e esvazia-o de suas identidades fixas.”²¹

Em tal ambiente, que surge da confluência de todos esses fatores, foi criada e se desenvolveu a narrativa pessoal na internet – essa narrativa íntima e pública a um só tempo; que é motivada pelo tédio e que narra quase sempre o cotidiano, sem sublimar nem trágico; que é narcisista a ponto de se confundirem sujeito e objeto; que tem a forma tão moldada pelo suporte tecnológico. Uma narrativa que acena com a possibilidade de que se crie, conserve e difunda auto-referências, e, assim, um passado para um autor que não sabe ao certo quem é; uma que promete conceder singularidades onde tudo parece tão igual.

4. Dor como distinção

Num primeiro momento, o tédio – dissolução da dor pelo tempo – foi um sinal de distinção de homens elevados ou nobres. No entanto, com a disseminação desse sentimento no século XIX, o tédio passou a ser primeiro um aborrecimento banalizado e, depois, a ser apenas mais uma característica do sujeito contemporâneo.

²⁰ SALEM, Pedro. *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. Relume Dumará, 2004.

²¹ Idem.



Curiosamente, na busca pela singularização da própria narrativa, principalmente quando a exposição dela se faz em meio a um sem-número de outras narrativas similares – e não só também afetadas pelo tédio, mas entediantes pela repetição e pela falta de relevo –, o indivíduo que faz uso dos dispositivos de auto-documentação parece fazer um caminho inverso àquele que configurou o tédio: ao invés de diluir a dor pelos dias, ele procura aglutinar o tédio em grandes dores pontuais (ou, em alguns casos, até contínuas – e, um novo ardil, paradoxalmente entediantes; algo como um tédio mais intenso, superlativo). O relato da dor – ou de um tédio mais doloroso que os demais – vira moeda e eleva o valor e o interesse das tramas pessoais.

Dessa forma, num raciocínio análogo ao que conferiu ao tédio um caráter distintivo, a *ostentação da dor* ou de suas ações nas narrativas da auto-documentação na rede passou a ser um diferenciador e um pretensão atrativo.

Essa noção a respeito da narração e do lugar da dor surge – funcionamento ainda de uma lógica moderna, um silogismo vanguardista – como movimento contrário ao que o homem fez, desde o advento da técnica, no âmbito individual e social, para distanciar-se dos domínios da dor – como o envelhecimento e a doença, mas também o acaso e tantos mais.

Seja fugindo de predadores ou de cataclismos naturais, seja da fome ou de si mesmo, seja da morte ou, pelo menos, da constatação de sua inevitabilidade, o ser humano sempre pretendeu chegar a um paraíso a salvo da dor. É por esse viés – o da fuga da dor como medida de sobrevivência e manutenção da espécie como princípio – que o homem desenvolveu e se adaptou à vida em sociedade. É ainda nesse sentido que a técnica sempre se desenvolveu – não só na figura da medicina, na *das armas*, das cidades, da noção de *conforto*, mas, mesmo que indiretamente, em quase todas as suas facetas.

Assim é que, apartando-se da dor, e primeiramente da dor mais palpável do meio físico, o homem chegou a uma preponderância, como espécie, do assédio da dor *anímica*²², que, para Jünger, “constitui uma das formas inferiores de dor; é uma das enfermidades geradas pela omissão do *sacrifício*”²³ – visto como predisposição ao eventual acometimento pela dor física.

²² Entenda-se por anímica qualquer dor não diretamente física como, por exemplo aquela nas esferas psicológica e moral.

²³ JÜNGER, Ernst. *Sobre el dolor seguido de La movilización total y Fuego y movimiento*. Tusquets Editores, 1995.



Além disso, o desenvolvimento da organização da vida em sociedade, dos sistemas de governo, dos sistemas econômicos e morais também foi extremamente atuante na relação do homem com a dor, haja vista que “a transformação das realidades em conceitos gerais – a transformação, por exemplo, dos bens em dinheiro ou dos vínculos naturais em vínculos jurídicos – produz uma leveza e uma liberdade de movimentos extraordinárias na vida.”²⁴ Jünger prossegue:

O segredo da sentimentalidade moderna reside em que ela corresponde a um mundo em que o corpo é idêntico ao valor. Isso explica que a relação de tal mundo com a dor seja a relação com um poder que há que evitar a qualquer custo, pois nele a dor golpeia o corpo não apenas como um posto avançado, mas também como poder principal e núcleo essencial da própria vida.”²⁵

Apesar de essa ser uma visão concebida no período moderno – e a ele referente –, ela ainda é extremamente pertinente. Principalmente quando indica o surgimento de uma *segunda consciência, a consciência da técnica*, cujas ações, como Jünger aponta de modo quase clarividente, se manifestam ainda – e cada vez mais – no mundo hoje:

“Essa *segunda consciência*, mais fria, faz-se sentir na capacidade cada vez mais desenvolvida de nos vermos como objetos. [...] Estamos nos dedicando a construir âmbitos estranhos em que *o emprego de órgãos artificiais de sentidos crie um alto grau de coincidência típica*. Tal fato se encontra estreitamente ligado à *objetização* de nossa imagem do mundo e, portanto, à nossa relação com a dor.”²⁶

Entretanto, a tipificação, a noção de perda de distinção individual com a quebra da lógica da diferença, a saturação de relatos pessoais do homem comum nos meios de comunicação de massa, a observação obscena do cidadão médio e a decorrente sensação de planificação das narrativas individuais num dado nível comum, tudo isso também passou a ameaçar a existência do homem como sujeito singular. À medida em que cresce o perigo da invisibilidade, cresce também o medo dela e de pior forma se interpreta sua ação. Assim, mesmo que de maneira inusitada,

“Quando cresce a sensação de que o âmbito vital em seu conjunto se encontra questionado e ameaçado, cresce também a necessidade sentida pelo homem de voltar-se para uma dimensão que o subtraia ao domínio ilimitado da dor e à sua vigência universal. [...] Também a quantidade de dor suscetível de ser suportada cresce à medida em que progride a objetização. Quase parece que o ser humano possui um afã de criar um espaço em que seja possível considerar a dor como uma *ilusão*.”²⁷

²⁴ JÜNGER, Ernst. *Sobre el dolor seguido de La movilización total y Fuego y movimiento*. Tusquets Editores, 1995..

²⁵ Idem.

²⁶ Idem [grifos meus].

²⁷ Idem.



E onde o homem procura e projeta agora essa dimensão? No ciberespaço – por meio dos dispositivos de produção de presença e identidade desenvolvidos ali.

É nesse contexto que a dor torna-se, ela mesma, um *valor estético maior*. Um que se pretende que lute contra a ordem dos conceitos gerais; um que se pretende reproduzir, representar, narrar, ostentar e, em certa medida, *controlar*.

Uma máquina: a dor para a extirpação da dor. Aqui se desenham mais dois paradoxos fundamentais a essa dinâmica já paradoxal. O primeiro aparece na própria utilização do *meio* que, por ser não-físico, está fora do alcance de grande parte das manifestações da dor – e no qual, por isso mesmo, pretende o homem refugiar-se de seu assédio – para a narração dela.

E, pensemos, o desejo de controle da dor não é já, antes de mais nada, um anseio por segurança? Não é segurança, certeza, o que busca o anseio por ratificação da existência na rede? Como, então, almejar a dor para evitá-la? Como vesti-la para estar seguro?

Vou além: a agenda de transpor a dor para um dispositivo, sobretudo um que existe num meio imaterial, não é, a priori, um desejo de *isolar* a dor? De afastá-la? Sentir a dor através de uma prótese não é querer-se alheio a ela? Na tentativa de isolar a própria essência – para, com isso, poder traduzi-la no código binário –, o homem não tenciona já separar a dor do *código humano*, fazer com que ela deixe de ser parte de sua essência? Não é para o ciberespaço que ele pretende mover seu “posto de comando”? E não é lá mesmo, através da telepresença, que o ser humano quer substituir o corpo, como “posto avançado” e como interface do cérebro, por uma nova interface – agora técnica –, imune à dor?

O segundo paradoxo se estabelece de modo análogo ao ocorrido com o tédio: se todos buscam um signo de singularidade, a saturação da figura da dor – sempre acessível a todos – não tende a esvaziá-la?

Há ainda outras questões quiçá mais importantes no que diz respeito ao fato de o homem entregar sua relação com a dor a uma *interface técnica*. Afinal, “*É na dor que se esconde a autêntica pedra de toque da realidade*”.²⁸ Mas a técnica não é o que promete apartar o ser humano da dor? Não é também por meio da técnica que se dá a tipificação do homem?

²⁸ JÜNGER, Ernst. *Sobre el dolor seguido de La movilización total y Fuego y movimiento*. Tusquets Editores, 1995 [grifos meus].



“Referimo-nos à ordem técnica em si, a *esse grande espelho* em que se reflete com máxima clareza a crescente objetização de nossa vida e que se acha *impermeabilizado de maneira especial contra o assédio da dor. A técnica é nosso uniforme*. [...] Isso ocorre tanto mais quanto o caráter de conforto de nossa técnica se funde de modo cada vez mais inequívoco com um caráter instrumental de poder.”²⁹

É por meio, então, da tentativa de mediar o contato do homem com a dor por meio da técnica, que o poder, camuflado pela figura “neutra” da interatividade, quer alcançar novas fronteiras dentro do indivíduo – pontos tanto mais longínquos quanto insuspeitos, onde sua ação seria, ao mesmo tempo, muito mais eficaz e muito mais sutil.

Toda essa tendência não seria, então, uma exploração do movimento natural humano de negação da dor que, tendo como objetivo controlar a relação do indivíduo com esta, se beneficiaria, a exemplo do que houve com o tédio, de uma banalização do papel da dor, de uma diminuição de seu poder? Que conduziria, não num processo maquiavélico, mas num matemático, à nova maneira com que o ser humano enfrentará a dor, uma que corresponda ao avanço da lógica da tipificação? Será, então, a vez da apatia no trato com a dor? Não será transformada a realidade da dor também num *conceito geral*?

Se a técnica é, em última análise, a capacidade do homem de criar próteses, parece-me que, num desdobramento da prótese da memória, se desenha aqui uma *ciberprótese de presença e de identidade* – a prótese que vai mediar o contato humano com a dor e com a *realidade*. Principalmente porque essa identidade protética não é duradoura, mas uma em constante movimento, que se possa configurar e reconfigurar, à qual se possa subtrair “rigidez ou aderência.”³⁰ É por meio dela que o indivíduo contemporâneo tenta se arquivar, trocando *passados vividos* por *passados presentes*; passados disponíveis, atualizáveis e, sobretudo, públicos – e, talvez assim, palpáveis, *validáveis*.

5. Presença, afecção e ligações

É essencial compreender que a forma final da validação da identidade construída na rede se cristaliza nas *ligações* que ela estabelece nesse meio. Inicialmente, o que determina a formação desses *links* – os links que de cada página levam a outras, mas

²⁹ JÜNGER, Ernst. *Sobre el dolor seguido de La movilización total y Fuego y movimiento*. Tusquets Editores, 1995 [grifos meus].

³⁰ SALEM, Pedro. *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. Relume Dumará, 2004.

também aqueles desenhados por cada leitor que passa a visitar alguma página específica e a compor uma *rede* – não é mais do que a identificação com aquela personagem que está, naquele blog ou flog, post a post, narrada e representada; não é mais, portanto, que *afeto*.

É por meio destes afetos e em busca deles que a *blogosfera* e a *flogosfera* se sustentam e não param de se expandir (“O diário na tela cria ligações e catalisa a constituição de pequenas comunidades, de redes fundadas em torno de afinidades pessoais”³¹). É em busca deles, justamente por sua força vinculativa, que o indivíduo entediado, narcisista e carente de história e identidade sólidas procura a internet com o intuito, senão de se reinventar, de se organizar. Tais afetos seriam o resultado concreto de seus esforços e a prova de que haveria algum sentido na narrativa que ele faz de si – pois ela teria sido *aceita* por seus pares.

Todavia, tais aproximações, conquanto atingem seus objetivos e papel na vida do usuário de um blog/flog, são ainda, na maioria das vezes, simulacrais – bem como o são, em grande medida, as identidades criadas na rede. Mesmo que as relações desse sujeito no mundo real não sejam descartadas – geralmente não o são –, algum nível de dependência desse mecanismo se estabelece, dado o conforto e o aumento do amor-próprio que as ligações no ciberespaço podem ocasionar. Isso expõe o indivíduo perigosamente se entendermos que

“A racionalidade teórica e prática constitui-se, em grande medida, como sabemos, à custa da modelação da sensibilidade e dos afetos por um dispositivo que é, na sua origem, metafísico, e que foi, depois, moral, político, estético e, hoje, também, técnico. Uma das funções fundamentais deste dispositivo, e das suas variantes, foi a de *produzir figuras onde esta experiência da afecção pudesse ser interpretada e controlada*.

[...] Tal como há uma tecnologia da sensibilidade, há também uma tecnologia dos afetos [...]. Ambas exercitam os seus saberes *diretamente sobre a subjetividade*, sobre os seus estados e alterações, mostrando que esta é um terreno *aberto e vulnerável*. [...] Surgem assim ligações novas e perturbadoras, entre o homem e as máquinas (*que automatizam os seus comportamentos e também os seus modos de pensar*). [...] No geral, as ligações técnicas, nomeadamente no campo da comunicação, funcionam largamente como uma extensão da esfera da subjetividade (criando comunidades de novo tipo, até mesmo à distância, etc...), e também, muito significativamente, como um dispensador de vivências e afecções.”³²

Soma-se a isso outra problemática delicada e sutil:

“A afecção tende para a criação de um espaço inclusivo e de contato, assente numa certa invasão de si. [...]. *A disponibilidade para a relação, que a própria redução ao indivíduo incentiva, não deve confundir-se com a tendência para a ligação que, na*

³¹ SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Civilização Brasileira, 2004.

³² CRUZ, Maria Teresa. Técnica e afecção, in MIRANDA, José Bragança de, CRUZ, Maria Teresa (2002) – Crítica das ligações na era da técnica. Tropismos, 2002 [grifos meus].



verdade, a contraria. A ligação perturba a lógica da relação e da individuação analítica que a funda. O seu movimento é o da *síntese e dissolução das identidades num movimento expansivo que as avassala*. Ora, a possibilidade de operar sínteses, fusões, e ligações de todo gênero parece estar hoje a cargo da técnica. [...] Estar ligado (aos outros e à vida) supõe uma certa disponibilidade para se deixar afetar.”³³

Por tudo isso, esse usuário está sujeito a uma maneira de atuação do *poder* tanto mais nociva quanto subliminar; uma ação que se pode chamar de sub-reptícia, pois que se engendra nos mecanismos mais íntimos de expressão da subjetividade, dissimulada na propalada idéia de liberdade em um sistema novo – que se pretende aberto e que lida com forças direcionadas diretamente às subjetividades tanto do emissor quanto do receptor. Esse é parte do espectro de influências que pode estar infiltrado em tudo que, na net, se diz livre e interativo – novamente, vemos que “o problema da mimetologia tecnológica é que impõe uma figura única, aparentemente neutra, que é a da ‘interatividade’”.

A própria idéia de interatividade, como está sedimentada hoje, é *uma figura mimetizada*, mais um simulacro. Esse tipo de figura pode ser particularmente perigosa porque, mesmo que alcance os mesmos fins que seus correspondentes na experiência real, não deixa claros os processos internos pelos quais o faz – aqui submetidos diretamente à técnica.

“A convergência da técnica com uma estética e uma patética dá assim uma consistência nova a um conjunto de ligações inquietantes que permaneciam mais ou menos ocultadas pela própria idéia de sujeito, tornando-as ativáveis, geríveis e produtíveis, no interior de uma economia onde *sensações e emoções se tornaram também um valor*. [...] Uma tal economia dependeria, em última análise, [...] ‘da produção eficiente do simulacro’, ou seja, [...] da possibilidade de ‘*estandarizar os instrumentos mecanizados da sugestão*’.”³⁴

É nessa tensão de busca e manutenção da identidade, e no expressar dela em imagem e texto, que se dá o investimento individual que formata a idéia de “sujeito” na rede. Talvez, ao buscar uma identidade palpável e, ainda que mutável e fluida, tornada “crível” por suas ligações na rede, o indivíduo possa, em determinadas condições, pôr em risco sua já tão fragilizada e fragmentada identidade no mundo real. Por mais que suas naturezas difiram e mesmo se oponham, as ligações no meio ciberespacial, hoje, se fazem entender por relações, e um movimento que se pretendia *multiplicador* pode acabar sendo *sintetizante*; onde se buscava ampliação e diferença, pode-se encontrar

³³ CRUZ, Maria Teresa. Técnica e afecção, in MIRANDA, José Bragança de, CRUZ, Maria Teresa (2002) – Crítica das ligações na era da técnica. Tropismos, 2002 [grifos meus].

³⁴ Idem.



nivelamento, indistinção e sincretismo. A ameaça é a da *ressintetização*, o amalgamar das identidades fraturadas em *funções*.

E a questão se desenha pelos dois lados; se falamos das ligações, não é outro o quadro quanto às relações – o revés da questão é, quiçá, ainda mais complexo.

Ao inaugurar seu blog/flog ou no decorrer da existência deste, o indivíduo o apresenta às suas relações reais – amigos, parentes, etc.; algumas dessas pessoas passam a freqüentar aquela página; outras, que também mantêm blogs/flogs, a ligam às suas respectivas páginas. Assim, o círculo de ligações se alarga. Com o tempo, se, por algum motivo, algum dos integrantes da comunidade estabelecida se ausenta, os outros passam a recorrer à rede – representada por blogs e fotologs, e-mails, *instant messengers* e *redes de relacionamento*, como Orkut, Gazzag, Friendster, Multiply, entre outras –, e, não raro, o contato se restringe a esse suporte por um intervalo de tempo tão grande que as relações mingam, esfriam, se esgarçam, nem sempre podendo ou oferecendo interesse em ser retomadas.

Disso, depreendem-se dois aspectos particularmente nocivos: primeiro, o risco de as relações se reduzirem a ligações; segundo, no caso de ausências intermitentes, ou tão somente num esforço de maior integração, o sujeito pode passar, após um grande investimento no ciberespaço, a *valorar ligações e relações de igual modo* e, assim, a *desenvolver a idéia de presença entre suas relações por meio de suas ligações*.

Seria como se, ao manter-se, pelo blog/flog, em contato constante com seu grupo, ao informá-lo sobre seu cotidiano e informar-se sobre o dos amigos, o usuário estivesse investindo na permanência de sua presença/narrativa entre eles. Os assuntos são sempre atualizados; não faltam tópicos num encontro eventual mas, em algum nível, há um desinvestimento em intimidade e convivência – traços que fazem de uma relação um contato enriquecedor que não pode ser integralmente reproduzido apenas por tais meios. São as ligações funcionando como simulacros das relações; a técnica mimetizando a presença.

É claro que o inverso – a transformação de ligações da rede em relações concretas – também ocorre, mas em menor grau e, muitas vezes, com indivíduos que têm dificuldades de estabelecer relações reais a priori; assim, mais uma vez, se poderia se reforçar um mecanismo de apoio e dependência das ciberpróteses. De qualquer modo, ainda que essa fosse a regra, se há a possibilidade mais remota da concretização dos riscos citados anteriormente, isso já seria motivo de atenção e estudo. Para usar as



máquinas e os sistemas de maneira livre e, de alguma forma, subverter seu conjunto fechado de regras, é necessário estar alerta e consciente de suas ações.

De modo geral, é claro o risco de, como defende Baudrillard, *desreferencialização* do real por meio da hiperproliferação dos simulacros.

Cito mais uma vez Maria Teresa Cruz, num trecho que me parece tão lúcido quanto sintético de tudo que foi dito até aqui; tão claro quanto alarmente:

“Enquanto potenciação e controle de forças e de intensidades que sempre é, a tecnologia moderna parece estar hoje mais apta a desvelar radicalmente as afecções e os movimentos subterrâneos da alma humana do que centenas de anos de tratados filosóficos sobre as paixões ou de páginas vibrantes de literatura.”³⁵

8. Bibliografia*

- CRUZ, Maria Teresa (2002). Técnica e afecção, in MIRANDA, José Bragança de, CRUZ, Maria Teresa – Crítica das ligações na era da técnica. Lisboa: Tropismos.
- BAUDRY, Jean-Louis (1978). *L'effet-Cinéma*. Paris: Albatros.
- BENTES, Ivana [organizadora] (2005). *Corpos Virtuais: Arte e Tecnologia*. RJ: Centro Cultural Telemar.
- DELEUZE, Gilles (1992). *Conversações 1972 –1990*. SP: Editora 34, tradução de Peter Pál Pelbart.
- FOUCAULT, Michel (1992). *O que é um autor?*. Lisboa: Vega, tradução de Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro.
- _____ (2001). *A ordem do discurso*. SP: Loyola, tradução de Laura de Almeida Sampaio.
- GRAU, Oliver. *A história da telepresença: autômatos, ilusão e rejeição do corpo*, in *Corpos Virtuais: Arte e Tecnologia*. Centro Cultural Telemar, 2005
- HUYSSSEN, Andreas (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. RJ: Aeroplano.
- JÜNGER, Ernst (1995). *Sobre el dolor seguido de La movilización total y Fuego y movimiento*. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Tusquets Editores, Barcelona.
- KOFMAN, Sarah (1973). *Camera Obscura de la Ideologie*. Éditions Galilée, Paris.
- LASCH, Christopher (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa época de esperanças em declínio*. RJ: Imago.
- LIPOVETSKY, Gilles (1983). *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- MIRANDA, José Bragança de (1998). *Da interactividade. Crítica da nova mimesis tecnológica*, in GIANETTI, Claudia – *Ars Telemática*. Lisboa: Relógio d'Água.
- SALEM, Pedro (2004). *Do luxo ao fardo – Um estudo histórico sobre o tédio*. RJ: Relume Dumará.
- SCHITTINE, Denise (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. RJ: Civilização Brasileira.

³⁵ CRUZ, Maria Teresa. Técnica e afecção, in MIRANDA, José Bragança de, CRUZ, Maria Teresa (2002) – Crítica das ligações na era da técnica. Tropismos, 2002.

* Todos os excertos de livros não-disponíveis em português foram traduzidos para esse idioma pelo autor deste estudo.